

Presidente Samora Analisa Situação da Mulher

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, reuniu-se ontem com elementos da Organização da Mulher Moçambicana, a nível da província do Maputo. Na reunião, que teve lugar na Sala de Conferências da cidade de Maputo, participaram cerca de 300 mulheres em representação de todos os distritos da província, das empresas, repartições públicas, bairros e Destacamento Fe minino. Na mesa da presidência, encontravam-se além do Presidente Samora Machel, Deolinda Guezimane, membro do Comité Central da FRELIMO e secretária-geral da OMM, Alberto Chipande, e Jorge Rebelo, ambos membros do Comité Central da FRELIMO, e respectivamente, Ministros da Defesa e da Informação. A assistir à reunião encontravam-se ainda os Ministros Graça Simbine e José Oscar Monteiro, além de outros quadros responsáveis a nível do Partido e do Governo da República Popular de Moçambique. No início da reunião a secretária-geral da OMM, Deolinda Guezimane, explicou o seu significado que, além do mais, servirá de base para as comemorações da celebração do dia 7 de Abril (Dia da Mulher Moçambicana) que muito brevemente será assinalado em todo o País. Seguidamente, aquela responsável pediu ao Presidente Samora Machel para presidir à reunião, que decorreu num clima de franca e aberta discussão, crítica e autocrítica. Dirigindo-se a todos os participantes, o Presidente Samora Moisés Machel proferiu de improviso uma alocução em que se referiu circunstanciadamente aos principais problemas que afectam a mulher moçambicana. Dessa alocução salientamos o seguinte:

Uma das preocupações fundamentais da FRELIMO é a mulher moçambicana, o problema da mulher moçambicana. Um dos problemas que mais preocupa a nossa organização é o problema da emancipação da mulher moçambicana.

Que tipo de combate deve ser desencadeado para que a mulher liquide os males que oprimem? Há que definir quem são os inimigos essenciais da mulher em geral e da mulher moçambicana em particular. Analisemos o nosso processo de crescimento: Crescemos igualmente ou há desequilíbrio no processo do nosso crescimento? Em Moçambique, o homem está mais desenvolvido do que a mulher, ou estão ao mesmo nível?

Trata-se de crescimento mental e não de crescimento físico, crescimento da nossa consciência, da consciência sobre os problemas nacionais, sobre os problemas da humanidade, sobre os problemas da nossa sociedade. Quais os fac-

tores, que permitiram ao homem ser um pouco mais desenvolvido que a mulher? Quais os obstáculos que impediram e continuam a impedir o crescimento da mulher moçambicana, para tomar consciência da sua situação?

Parece que encontraremos como base divisão de tarefas. Há um certo trabalho que impulsiona o crescimento da nossa consciência, impulsiona o crescimento do cérebro do homem. Esse trabalho que permite a tomada de consciência, tomada rápida de consciência, de que somos vítimas de qualquer coisa em geral. Todos nós éramos explorados. Mas o explorado gosta de ser explorado? Esta é para nós a questão para a definição correcta do nosso inimigo.

Que tipo de combate devemos realizar para liquidar o nosso inimigo e neste momento quem é o inimigo da mulher em geral e quem é o inimigo da mulher moçambicana? Analisáramos então a situação da mulher do Ro-

vuma ao Maputo.

Para realizarmos qualquer tarefa necessitamos de instrumentos. Quando fundámos a FRELIMO, estávamos a criar o instrumento para a liquidação do colonialismo, para lutar contra o colonialismo. Quando fundámos a FRELIMO definimos que tipo de organização deve ser a FRELIMO. Parece que é o ponto central quando se cria uma organização. Que tipo de organização e quais devem ser as suas tarefas. Para ser uma organização revolucionária deve possuir características essenciais. Onde há tribalismo não há progresso, onde existem elementos conservadores não há revolução, onde existe tradição e tradicionalistas não há progresso, só há reaccionários. E nós verificamos que há muito conservadorismo no nosso país. Sobre tudo ao nível da mulher há muita tradição, há muito divisionismo, há muito desprezo e discriminação. Assim a Organização não pode ser revolucionária. Discriminação, regionalismo, di-

rimos mesmo localismo no caso da mulher. A mulher deve ter valores. Só têm os valores para vocês e para o seu país consoante a sua origem e sua região. A região deve nascer.

Classifiquemos, começando a olhar por cima. A primeira coisa que procuramos saber: de qual região de onde? Então classificamos o seu grau. Não é a consciência é a região onde nasceu. Depois dizemos a sua tribo, de quem é filha. São estes os maiores obstáculos ao desenvolvimento da mulher. Talvez devido à falta de contacto com a realidade, com as tarefas essenciais. São essas tarefas que assolam o sistema de pensamento das mulheres.

Quando nós conhecemos o pai, então respeitamos. A tendência no caso das mulheres e também dos homens é de respeitar os exploradores. As filhas dos exploradores são admiradas. Admiramos os exploradores e desprezamos os que produzem a riqueza.

BRACO PARA ORGANIZAR A MULHER

Nós criamos a OMM como braço para organizar a mulher e que atingiria a mulher nas regiões mais remotas do nosso país, mais abandonada. Nós não criamos a organização da mulher para imitação. Criamos a Organização da Mulher na certeza absoluta de que só com a evolução, com o desenvolvimento, com a emancipação da mulher nós levaríamos vitoriosamente as nossas tarefas revolucionárias. Estávamos conscientes de que a mulher é a responsável de todas as gerações. A mulher está em contacto permanente com as crianças. É a mulher que transmite as ideias revolucionárias às crianças devido ao seu contacto e à sua responsabilidade particular. A Organização da Mulher não foi criada naquele espírito, naquele modelo das organizações burguesas de mulheres burguesas com ideias corruptas. Não era para uma classe. A Organização da Mulher Moçambicana é a expressão mais viva da nossa classe, classe dos oprimidos, classe dos trabalhadores, classe dos camponeses. Criamos a OMM para dar a imagem verdadeira de mulher moçambicana, da sua personalidade, da sua dignidade. Por isso impomos e impõe-se a luta sem tréguas contra os males da sociedade, contra os males

oriados pelos colonialistas e pelo capitalismo. E, para isso, impõe-se também a liquidação da divisão que existe, a liquidação do desprezo que existe no seio da mulher moçambicana, a fim de podermos tratar de maneira correcta as nossas tarefas, definirmos de uma maneira correcta o nosso inimigo. Quem é o nosso inimigo? Quem é o inimigo da mulher? Nós conhecemos os particularismos da mulher e conhecemos algumas especificidades da mulher. Mas por outro lado também conhecemos as suas potencialidades, as suas capacidades que constituem a base para se erguer e lutar de maneira firme.

Uma das características da mulher são complexos. Os complexos de inferioridade que destroem a sua capacidade de iniciativa e são o resultado de tantos traumatismos.

Primeiro as velhas; depois as recém-casadas. Em terceiro lugar aquelas que têm um filho ou dois («Ntivilandis») e que não podem ainda entrar no grupo das «massungukas» (adultas). Este grupo de mulheres casadas com seis filhos — essas é que sabem tudo; conhecem a vida». Em princípio não podem discutir com as outras, porque estas outras são crianças. Aquelas que têm já 60 anos não falam com as que ainda produzem crianças.

Assim, dividindo temos: em primeiro lugar as «massungukas» (adultas); depois vem o grupo de «wamamamas» (as mães); as «wamamamhanas» (mães jovens); o grupo de «muitamita» (mães pela primeira vez) e o grupo «wamuanhanas» (meninas). Esses grupos todos são padrões. Para as mulheres são subordinação.

E, agora não sei se aqui vamos discutir, realmente porque há algumas que são meninas, algumas têm 18 ou 20 anos. Não sei se podemos discutir seriamente e realmente porque as «massungukas» (adultas) são para dar lições de experiência. Mas qual experiência? De como tratar a casa. E essa a experiência? — E de como obedecer ao marido; dão conselhos de como obedecer; nunca lutar com o marido. Mas o homem também não pode lutar com a mulher. Por que é que há de ser a mulher a lutar com o marido e o homem a lutar com a mulher?

Nós queremos aqui fazer um balanço das nossas actividades. A nossa Organização realiza verdadeiramente as tarefas ou não?

O Comité Central, reunido de 11 a 27 de Fevereiro estudou com muito cuidado as questões da O.M.M.; estudou com muito cuidado a questão

do Destacamento Feminino. O Destacamento Feminino constitui, como foi definido em 1973, a fonte dos quadros para a O.M.M. E o reservatório.

Como é que a O.M.M. e o Destacamento Feminino vão coordenar? Pense que no ano de 1970, porque queríamos realizar as tarefas essenciais da Reconstrução Nacional, e de novo chamada a O.M.M. para desempenhar as tarefas da Reconstrução Nacional, e quais são essas tarefas da Reconstrução Nacional?

A primeira tarefa essencial é a destruição das estruturas colonialistas e capitalistas. Mas, para destruímos essas estruturas, necessitamos, em primeiro lugar, de conceber a nossa tarefa; de compreender a nossa tarefa e de assumir a nossa tarefa.

Continua a existir ainda, a tendência de valorizar as ideias estrangeiras. Continuam no nosso seio algumas mentalidades escravas ao estrangeiro a gostar dos valores estrangeiros.

Continua a existir o banditismo no nosso país. Para destruímos o banditismo no nosso país é necessário que nós compreendamos e assumamos a tarefa de dar prioridade à política. Existe ainda no nosso país, grupos de ladões. Existem ainda grupos no nosso seio de criminosos assassinos, que foram criados pelos colonialistas. Existe ainda no nosso seio, os «pifias» que nós não temos capacidade de denunciá-los, neutralizá-los. Porque vivemos ainda desorganizados. E vivendo desorganizados não podemos realizar as nossas tarefas. Ao nível das fábricas ainda não estamos organizados, porque não temos estruturas ao nível da Organização da Mulher Moçambicana.

VIVER ORGANIZADOS

Ao nível dos hospitais não vivemos organizados. Ao nível das escolas não vivemos organizados. Ao nível dos centros não vivemos organizados. Assim, não temos a noção de que é o trabalho colectivo.

Existe ainda o alcoolismo na nossa sociedade. Como há o alcoolismo há crimes. Onde há alcoolismo, há desvalorização do homem da pessoa. A pessoa transforma-se em objecto. O álcool destrói o cérebro do homem. É o cérebro que fabrica as ideias. O álcool cria a preguiça, a ociosidade. Onde há ociosidade significa que existe enturrimento das nossas ideias. Não adquirimos ideias novas. Há ferrugem e onde há ferrugem significa que há corrupção ideológica.

Por outro lado, não existe ainda o sentido de família no nosso seio. Família, a origem da família. O sentido da família. Ainda não há. Por isso, assistimos a casos de polí-

mia, divórcios, e assistimos ao que chamamos adúlterio.

Existe, vamos lá, na sociedade o que há de mais degradante, mais humilhante: a prostituição no nosso país. Isso significa a desonra do país. E porque existe isso na nossa sociedade? E como vão avançar as mulheres apegadas a estas ideias? Nós ainda não encontramos a mulher que seja capaz de desencadear o combate contra esses males.

Existem a nível do campo rural, a ignorância, o analfabetismo. Existem em grande escala, no nosso país, os chamados ritos de iniciação. A criança basta ser submetida a esses ritos de iniciação e considera-se mulher adulta, que está pronta. Não pela idade, mas porque já recebeu lições de que é adulta. A preocupação central não é estudar a sociedade. É estudar a vida até encontrar o homem. Transferir-se do pai para o novo pai.

Ainda existem casamentos forçados. Ainda existem casamentos escolhidos pelos pais. Não há consciência do encontro do espírito entre o homem e a mulher, ainda. Mas nós temos tarefas enormes no nosso país ainda. E ainda temos vergonha de mostrar o nosso cultura. De valorizarmos a nossa cultura. Porque somos assimilados. Ainda existem em grande escala os assimilados.

Têm saudades do alvura, têm saudades do bilhete de identidade, aquele que foi dado pelos colonialistas. Que o distingue do resto da população. Têm saudades da sua antiga classe, classe de intermediário, entre capitalistas, entre exploradores, entre opressores e o resto da população. Não se sentia bem quando estava ao lado do capitalista porque se sentia inferior, não se sentia bem quando estava com a população porque se sentia superior. Isso ainda existe no nosso país.

Ha confusão no seio das mulheres e dos homens mesmo. Do que é a modestia e a simplicidade. Que confundem com libertinagem e liberalismo.

Assistimos hoje, homens e mulheres com cabelos compridos e sujos. Dizem que é ser simples e moderno. Assistimos a casos de pessoas com possibilidades, a andar de chinélos, unhas compridas e sujas, cheios de amataquenhias. Dizem que é para ser igual ao povo. Ser do nosso povo é andar sujo?

Primeiro, desencadearmos campanhas contra esses que andam de cabelo comprido, barbas sujas. Nós não vencemos a guerra para semear a anti-higiene no nosso país.

... nos nas escolas; utilização de drogas, abuso de sexo, cigarro nas escolas. E alguns professores fomentam isso.

Assistimos, por aí fora, a professoras que fazem dos alunos adúlteros, seus amantes. Assistimos, também, a alguns professores que fazem da situ-

nação, definição das nossas tarefas. Purificação periódica das nossas próprias filhas. Traziámos constantemente elementos novos, a que nós chamávamos oxigénio, sangue novo para revigorar o sangue intoxicado.

O jardineiro que procura trazer parasitas para o seio do seu viveiro seria imediatamente afastado. Agora, vocês têm de descobrir novos elementos no vosso seio. Novos elementos.

Havia, durante a Luta de Libertação Nacional, uma luta de dois sistemas: Ideias erradas e ideias correctas. As ideias correctas venceram as ideias erradas. Mas, essas ideias erradas vivem em certas pesetas. Sobretudo, nas regiões em que a Luta Armada, a Luta Armada que é o agente transformador e acelerador do processo revolucionário não abalou os esquemas mentais.

Por isso, há a necessidade de saber como fazer a Revolução. Teremos de fazer, então a Revolução de purificação. Lutamos contra o inimigo, o inimigo físico e o inimigo moral. E essas condições, são favoráveis para o triunfo dessas ideias erradas. São condições favoráveis para o triunfo da nossa Linha Política ao nível da Nação, do Rovuma ao Maputo. Engajemo-nos nessa batalha, sem hesitação.

Como vamos lutar contra isso tudo?

O que é que impede a mulher de avançar? Acompanhar a Revolução? Ser elemento dinâmico, ser elemento difusor das ideias? Ser o elemento que aplica e vive a linha da Organização? Ser elemento que vive preocupado, sempre em defender a Revolução, em transformar a sociedade?

E por isso que pensamos que é uma necessidade, uma exigência, condição essencial, a realização neste ano, da Segunda Conferência da Mulher Moçambicana.

Durante a Luta de Libertação Nacional, tínhamos duas zonas: Uma zona controlada pela FRELIMO, e a outra, controlada pelo inimigo. Na zona da FRELIMO, a sua tarefa essencial, nessa zona, era acelerar a transformação da mulher moçambicana em agente activo, agente revolucionário. Elemento novo na sociedade. Elemento responsável pela sociedade. Era um agente educador, modelo, porque existia a nossa ferramenta, que era a crítica sincera e profunda. Nós nascemos da crítica profunda e sincera.

Periodicamente, fazíamos a análise profunda da nossa

situação, definição das nossas tarefas. Purificação periódica das nossas próprias filhas. Traziámos constantemente elementos novos, a que nós chamávamos oxigénio, sangue novo para revigorar o sangue intoxicado.

O jardineiro que procura trazer parasitas para o seio do seu viveiro seria imediatamente afastado. Agora, vocês têm de descobrir novos elementos no vosso seio. Novos elementos.

Havia, durante a Luta de Libertação Nacional, uma luta de dois sistemas: Ideias erradas e ideias correctas. As ideias correctas venceram as ideias erradas. Mas, essas ideias erradas vivem em certas pesetas. Sobretudo, nas regiões em que a Luta Armada, a Luta Armada que é o agente transformador e acelerador do processo revolucionário não abalou os esquemas mentais.

Por isso, há a necessidade de saber como fazer a Revolução. Teremos de fazer, então a Revolução de purificação. Lutamos contra o inimigo, o inimigo físico e o inimigo moral. E essas condições, são favoráveis para o triunfo dessas ideias erradas. São condições favoráveis para o triunfo da nossa Linha Política ao nível da Nação, do Rovuma ao Maputo. Engajemo-nos nessa batalha, sem hesitação.

O QUE SOMOS HOJE

O que somos hoje? Como agente acelerador, o que somos? A Luta Armada acelerava o processo com muita rapidez. E hoje, qual é esse acelerador? Qual é o nosso agente transformador? Qual é? Já não há Luta Armada, mas transformamos a Luta Armada em Revolução. E que significa a Revolução? O que é a Revolução. Onde há Revolução há resecção, não é? Onde há exploração, opressão, há Revolução.

Tracamos a nossa via. Via de desenvolvimento económico em Moçambique. E dizemos: «a participação da Mulher Moçambicana em todos os sectores de actividade e condição essencial para o triunfo da nossa Revolução. E condição essencial para o avanço da nova sociedade que nós queremos criar».

Não podemos permitir a coexistência de duas sociedades, porque essas duas sociedades são diametralmente opostas.

Agora perguntáremos: porque é que a vossa Organização não avança? Primeiro, ao nível do Maputo. Houve altura, — vamos lá dizer — durante o governo de Transição, que havia muita actividade, muitos comícios, reuniões, reuniões. Desta que proclamámos a Independência, nunca mais houve nada, principalmente aqui a nível de Maputo. O que é que há?

Dizem que alguns membros da O.M.M. são curandeiros. Ouvi dizer talvez seja uma provocação, não sei, mas ouvi dizer. São curandeiros e membros da O.M.M. Superstição e Revolução. Mas gostaríamos que nos indicassem algumas aqui para ver se continuam supersticiosas.

Vocês continuam supersticiosas, vocês continuam tribalistas, tradicionalistas, regionalistas. Isso significa que estão confusas. Se estão confusas, são perigosas. E, se são perigosas, são reacçãoárias.

Vocês não assumem a dimensão da Revolução, a grandeza das vossas tarefas na Revolução, por causa do tribalismo, por causa da tradição, da superstição, e do regionalismo. Portanto, se vamos formar grupos tribais, não haverá Organização da Mulher Moçambicana. Em nenhuma parte. Haverá, sim, grupos tribais da mulher moçambicana. Haverá grupos das mulheres assimiladas.

Também haverá ainda, grupo da elite, da mulher instruída. Depois haverá grupos da mulher analfabeta, «mãmana». Haverá ainda um certo grupo de mulheres com outra vocação. Vamos começar a publicar as suas fotografias. Grupos de pretas e mulatas que dizem ser muitas e muitas e afirmam: «Não podemos viver aqui em Moçambique. Como é, como é que vamos viver? Agora, aqui em Moçambique, não há baile, não se dança agora em Moçambique. Mas nós dizemos: «Agora é que se dança em Moçambique».

Mas há grupos aí que dizem que agora não se dança. Não sei o que querem dizer com isso. Dizem que algumas mulheres moçambicanas quando estão no seu estado (gravidez), viajam para Portugal, para a criança nascer em Portugal. Há ou não há essas mulheres? Assim não construiremos a nossa nova sociedade.

A NOVA SOCIEDADE

A nova sociedade é conspi-

tuida por mulheres de todas as raças e cores. Essa é que é a característica de Moçambique. A característica essencial desta nossa nova sociedade. Mulheres de todas as raças e de todas as cores. Aqueles que morrem, sofrem, vivem e participam na Reconstrução Nacional Luta pela edificação da Nova Sociedade. Não é a cor que define quem deve ser moçambicano. Não.

Portanto, eu queria perguntar quais são os problemas que existem ao nível da província de Maputo. Das outras províncias, temos tido relatórios, mas ao nível do Maputo,

quais são os vossos problemas, realmente, para podermos discutir, e organizar. Portanto, podemos falar ou não podemos? Está ali o Destacamento Feminino, que também tem muitos problemas, e vão contá-los aqui.

Para começar, há uma série de problemas. As mulheres, a nível nacional, nunca se reuniram para valorizar as nacionalizações das escolas. Já analisaram as vantagens da nacionalização das escolas? Ainda não se reuniram para ver as vantagens e o abalo por parte da burguesia quando nacionalizamos os hospitais.

Sabemos que há sabotagem. Sabotagem ao nível dos hospitais, para provar que só a medicina privada é que tem valor. E recebemos propostas de formação de médicos, formação de enfermeiros. Não há médicos. Mas o povo não analisa isso, que são conquistas da Revolução, que são coisas essenciais para satisfazer o mais elementar direito do nosso povo.

A educação. A educação é onde está a nossa personalidade. E por isso que os assimilados se sentem ligados ao colonialismo, é por causa da educação que receberam. É a educação que nos dá a personalidade. A personalidade de um povo está na educação. A formação do Homem Novo está na educação. A formação da mentalidade nova está na educação. A formação da sociedade nova está na educação. Por isso mesmo, não podemos continuar a depender, a sermos «bantuzizado» pelos capitalistas, pelos colonos burgueses, que fizeram da nossa ignorância, minas de ouro.

A educação não é um privilégio. Andar no Liceu não é privilégio. Andar na Universidade não é privilégio. É uma necessidade. É uma exigência. E por isso para nós, é uma das conquistas da Revolução. O pobre tem que ir à escola.

A escola é para o pobre essencialmente.

O pobre está hoje descalço? Sim. Amanhã estará calçado. Precisamente, ele tem de ir para a escola para saber como fabricar os seus sapatos. Na escola, não tem merenda para comer durante o recreio, mas isso ajudará precisamente a saber como produzir. Vai estudar para saber produzir. Os seus estudos serão mais tarde o pão e os sapatos.

Mas esta condição constitui alegria para os burgueses. Eles sabem que existem pessoas que não têm merenda na escola, que vão à escola descalços, e por isso fechavam as portas dizendo que você não entra descalço.

Nos hospitais, sabemos que hoje já não há mantas para dar aos doentes. Já não há lençóis, temos de trazer da casa, temos de trazer a manta de casa, que é para provar que quando havia hospitais privados havia higiene nos hospitais. Queremos dizer, falta de organização, falta de planificação, incorrecção dos dirigentes dos hospitais.

Nas zonas de guerra, os nossos hospitais não tinham sabão. Não tinham lençóis, não tinham nada, mas mantinhamos limpos os nossos hospitais. Havia higiene nos nossos hospitais porque, primeiro, o enfermeiro e o médico tinham amor e sabiam o valor da vida de uma pessoa. Esses desprezavam o valor do dinheiro e não do valor de um ser humano.

Também dizemos que a terra pertence ao povo. Aqui alguém tem terras? Não? Pois, é por isso que essas pessoas querem ir para o estrangeiro. Do vosso dinheiro, que roubaram durante muitos anos, querem ir comprar terrenos em Portugal. Aqui não há compras de terreno. E aqui em Moçambique dizemos: «Pulga o porco-vejo tira o vosso bico da carne do Homem».

Hoje, nacionalizamos os prédios. Quem é que ficou prejudicado com isso? Quem é que foi, levante o braço? Quem tinha prédios, quem vivia nos prédios. Agora vocês vão viver para os prédios, não vão? Querem ou não querem ir viver para lá? Está bem. Mas é preciso manter a cidade limpa. Não queremos capulanas estendidas nas varandas dos prédios (risos e aplausos entre os participantes).

Entretanto, cabe às mulheres organizarem a tarefa da limpeza das nossas cidades. É preciso ter higiene nas vossas residências. Em qualquer sítio. Manter a cidade limpa. Cabe principalmente à mulher essa tarefa. Vamos desligar o homem das fábricas para irremovível?

Agora termino aqui pedindo as vossas intervenções porque eu vim para aprender tam-

bém. Vim para aprender com
você. Contem os vossos pro-
blemas os mais difíceis e os
mais pequeninos que sejam.
Correcto? É que se não fala-
rem eu retiro-me.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-04-01)